

(Des)Caminhos do prazer na contemporaneidade

Amparo Caridade *

Resumo

Neste artigo, interrogo sobre as relações que a cultura vem estabelecendo com a experiência prazerosa do sujeito, na contemporaneidade. Questiono as fontes de satisfação que têm sido propostas ao cidadão. Estão elas a serviço do bem-estar, da alegria interna e felicidade das pessoas? O prazer é visto como uma experiência interna do sujeito ou como um bem de consumo entre outros? As pessoas são livres para buscá-lo ou devem apenas adaptar-se às obrigações de prazer e sexo que a cultura vem impondo? São indagações a partir das quais teço uma breve reflexão sobre o tema. Utilizo-me de algumas idéias de Jean Claude Guillebaud em seu livro *A Tirania do Prazer* (1999), para fundamentar este texto.

Palavras-chave: prazer, cultura, felicidade, imposição, subjetividade.

Abstract

This paper explores the interrelationships between culture and the pleasurable experience of the subject in modern times with a view to questioning the sources of pleasure being proposed for human beings. Do these sources help the well-being, internal joy and happiness of people? Is pleasure seen as an internal experience of the subject or as a product of consumption? Are people free to search for it or do they have to adapt themselves to obligatory norms for pleasure and sex imposed by culture? Arising from these questions a brief reflection is made which draws on some of Jean Claude Guillebaud's ideas in his book "The Tyranny of Pleasure" and thus the theoretical basis of this paper.

* Psicóloga. Psicoterapeuta. Mestra em Antropologia. Professora-adjunta da UNICAP. Autora de *Sexualidade. Corpo e Metáfora*

Key words: pleasure, culture, happiness, imposition, subjectivity

Há uma concepção difundida de que o bem-estar, a alegria, a felicidade, o prazer dependem da satisfação de todos os desejos, o que sabemos ser impossível. Essa concepção é o ideal da sociedade de consumo que se atribui a missão de providenciar todos os bens, consequentemente, todos os prazeres. Sob o pretexto de promover o bem-estar, a alegria, o prazer, a cultura consumista não cessa de inventar objetos, "coisas felizes", que a publicidade se encarrega de sugerir, de impor ao indivíduo como um bem a ser consumido. A lógica é gerar necessidades nas pessoas, de modo que sejam escoados os produtos também inventados para atendê-las. Essas coisas que o mercado deseja vender nos chegam, quase sempre, através da mídia e apresentam-se embaladas em roupagens de felicidade.

O panorama atual é de preocupação produtivista, de domínio do dinheiro, do consumo neoliberal de coisas, corpos e prazeres. A serviço disso, funciona toda uma ética da visibilidade dos corpos, das sensações e das aparências modeladas pela indústria estética. A Diet Shake anunciou seus produtos em "outdoor", dizendo: **Felicidade é caber num vestido P**. Conceito de felicidade que parece também ser tamanho P, que, paradoxalmente, tem na base uma tirania da estética. Dessa tirania procede uma falange de pessoas anoréxicas, bulímicas, anêmicas e até depressivas. São dessa forma as promessas de prazer e felicidade que o mercado faz e com as quais compomos nossa cesta básica de ilusões.

As idéias portadoras de projetos coletivos desaparecem e deixam de ser fonte de satisfação do cidadão. Sem esses projetos, a busca de prazer torna-se narcísica e a alteridade perde sua importância. A representação do futuro fica confusa, o imediatismo predomina e o grande mercado triunfa. O prazer, como o sexo e a felicidade, perde a dimensão de partilha, é mostrado como simples mercadoria e posto ao consumo. E nós mergulhamos no "amável cinismo" de nos adaptarmos às idéias veiculadas e às obrigações consumistas que inva-



dem o cotidiano. Tomo emprestado de Guillebaud (1999, p. 99) a expressão “*amável cinismo*” para dizer da plasticidade saborosa e enganosa com a qual nos consolamos com pequenos consumos. O comércio se apropria dos corpos e dos discursos permissivos para vender seus produtos em nome do prazer, mas um prazer de consumir. “*O neoliberalismo atual vê na liberdade, inclusive a sexual, apenas uma forma de adaptação ao grande mercado*”, diz Guillebaud (1999, p. 111). Essa mercantilização, essa tarifação geral dos prazeres arrancam o prazer de sua mais íntima verdade e de sua alegria essencial. Essa arrogância do mercado, essa soberania do dinheiro vêm conduzindo a uma perda ontológica, na atualidade, à falência mesmo de uma cultura amorosa.

Comentando acerca da corrida atrás da felicidade, Nicci Gerrard (1999) refere que o mundo ocidental entrou numa farra de gastos que se infiltrou desde a classe mais rica, passando pela classe média, até as classes mais pobres; aquilo que outrora era luxo, tornou-se expectativa, e sua ausência transforma-se em fonte de insatisfação. Simplistamente, a condição da felicidade é deslocada da internalidade do sujeito para as coisas. Razão por que a ordem é consumir, para ser feliz. Ter e mostrar que tem compõe a base da visão de felicidade numa sociedade do espetáculo. Afinal, ter o carro do ano, uma bela casa, férias no exterior, bela parceria põe o sujeito na condição daquele que “tem tudo para ser feliz”. A tônica do artigo é o despropósito de que, nesta era do “excesso”, cresce a depressão. Sabemos o quanto ela é sintoma deste século. O autor, no início do artigo, parece apontar o equívoco que se comete: “*Happiness, like death and the sun, cannot be stared at directly. Turn to look at it, and it disappears.*” Em outras palavras, a felicidade não pode ser buscada diretamente, não está em nenhum objeto especial. Ela escapa a qualquer trama capaz de aprisioná-la e, como toda experiência forte, escapa por entre os dedos, quando tentamos localizá-la nas coisas ou nos fatos. Na verdade, ela existe (ou não) como uma experiência interna do sujeito.

¹ Corvéia é o trabalho ou obrigação penosa que os camponeses deviam a seus senhores.

Cada época inventa caminhos possíveis ao prazer. A China Antiga sempre foi vista como um referencial positivo da experiência prazerosa, da lida com as vivências desejáveis do prazer, com a expressão mesma da *ars erotica*, mostrada por Foucault. Guillebaud analisa uma outra face dessa história, mostrando que, sob a valorização e permissividade dessa China dos primeiros séculos de nossa era, residia o paradoxo de um enfoque do prazer físico, que se tornava mais opressor que quaisquer abstinências. Do mesmo modo que se perpetuava a tradição dos famosos manuais de sexo ensinando técnicas refinadas, pesava sobre o sexo masculino um “dever do sexo” – *o coitus reservatus* –, a regra do sexo sem ejaculação, que deveria possibilitar o cumprimento desse ‘dever’. Ante tal pressão, os homens dessa cultura buscavam mesmo era se livrar das volúpias obrigatórias, indo buscar outras companhias. A prostituição permitia esses homens escaparem do sexo, encontrarem alívio da atmosfera extenuante das relações sexuais obrigatórias e encontrar, entre as cortesãs, uma amizade feminina espontânea.

Guillebaud interroga se não estaremos nós também caindo no mesmo contra-senso de uma sexualidade e de um prazer obrigatórios; se não estaremos estragando a atração do prazer ao querer favorecê-lo e engrandecê-lo. Jean Gutton, citado por ele, receava que, sob uma capa de permissividade proclamada, a vida ocidental se tornasse uma “*imensa corvéia de prazer*”.¹ Gutton parece ter razão. Não é difícil observar que o prazer, hoje, vem sendo posto como uma injunção, não como um movimento livre do sujeito. Continuamente as pessoas são induzidas a viver uma sexualidade que é imposta mais como meta de normalidade do que condição de bem-estar.

A questão intrigante que daí resulta é se o prazer que desejávamos tanto ver emancipado pode mostrar-se como um peso. É doloroso admitir, mas essa questão não é absurda, pelo contrário, faz muito sentido. “*O prazer não é mais apresentado como facultativo e sim como imperativo.. O que a publicidade passou a instigar é o dever do prazer. Dever que fica oculto sob a capa de liberação*”, diz F. Brune (apud Guillebaud, 1999, p. 124). Esse dever fica

imbutido também nas malhas da oferta consumista e se apresenta em tons de liberalidade. “*O prazer obrigatório está substituindo o prazer proibido*”, diz R. Vaneigem (apud Guillebaud, 1999). Essa trajetória da liberação à imposição, da permissividade à obrigação, exigiu uma cambalhota simbólica da questão do prazer nas três últimas décadas.

O prazer sexual obrigatório é, a meu ver, um dos abismos culturais ao qual chegamos neste fim de milênio. Na verdade, tal obrigação se constitui em fonte de mal-estar tanto quanto o prazer que outrora era proibido. É nesse sentido que podemos vê-lo como impedindo a saúde, o bem-estar, e não promovendo-os. Nos deslizamentos culturais ocorridos entre um excesso e outro, é curioso observar que, a partir do “**dever do prazer**”, começaram a surgir movimentos em direção oposta propondo o seu contrário, como, por exemplo, “o direito de dizer não”, a postulação da virgindade antes do casamento e, até mesmo, campanhas por abstinência sexual. A permissividade passou, então, ao seu avesso; agora é permissão de dizer não, é permissão de abstinência. Que sentidos poderão ser encontrados nesses comportamentos?

Penso que tais maneiras de renunciar ao sexo queiram talvez proteger o prazer de seu esvaziamento, ao mesmo tempo, essas condutas evidenciam o esgotamento da utopia de uma felicidade sexual e de um prazer sem medidas. Denunciam, também, a instauração de um vago mal-estar, que é vivido mais em nível instintivo do que reflexivo. Os poetas romanos, ao cantar a decadência do Império, gritavam em sátiras rimadas a náusea que sentiam ante o “excesso” de prazer, de dinheiro e de jogos. Estaremos nós também tomados pela mesma saciedade, pela mesma náusea do excesso?

Zigmund Bauman, em seu livro *O Mal Estar da Pós-Modernidade* (1998), comenta *O Mal Estar na Cultura* (1930), escrito por Freud, e esclarece: “*Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual*

pequena demais” (Bauman, 1998, p. 10). Essa idéia do excesso vem sendo colocada por diversos pensadores, como estando na base dos mal-estares, na atualidade. Em tempos de Freud, o excesso era de controle; hoje, o excesso é de liberação, é a ausência de interditos.

Uma das inquietações que permeia a contemporaneidade é o medo vivido de um possível esvaziamento do desejo, o medo de uma impotência que seria filha do desinteresse progressivo, ante os excessos discursivos e visuais do corpo, do sexo e do prazer. “*Nossas sociedades tão agressivamente erotizadas estão, na realidade, assaltadas pela ansiedade do não desejo*”, diz Guillebaud (1999, p. 132). Sob que formas e em que práticas os indivíduos buscam hoje o prazer? É notório e contemporâneo, por exemplo, o fascínio pelas relações de risco, em tempos de AIDS, que nossos jovens chamam de ‘roleta russa’, em que o perigo fatal faz parte do atrativo. É contemporâneo, também, o surdo apetite pela violência e pela morte. Tudo isso tem a ver com a pane do desejo, que é também pane da vida. “*O comércio com a morte seria o afrodisíaco último de nossas sociedades de desejos extintos*”, alerta Guillebaud (1999, p. 133). Penso que as atitudes extremas e perigosas, como as altas velocidades, os rachas, as relações de risco, o sadomasoquismo, são, talvez, o lugar da transgressão, nostálgica e sombria celebração do proibido, já que hoje “*é proibido proibir*”. Essas atitudes são, talvez, o sentido atual da falta do interdito. Bataille (1987) compreendia que a abolição radical desse interdito ameaçaria o desejo como ameaçaria nossa própria humanidade. A idéia do interdito é humanizante e estruturante do sujeito e da cultura, conforme foi discutida por Freud em *Totem e Tabu*, 1913.

Minha compreensão é a de que o mal-estar atual não está na falta de sexo e de prazer, mas na falta do sujeito apropriado de seu modo de viver, do si mesmo enquanto sujeito prazeroso. Postulo que o bem-estar, a alegria genuína devem passar pela condição do indivíduo enquanto artífice de seu próprio prazer, e não um mero consumidor de coisas ditas prazerosas. É a negação do sujeito do prazer que faz mal. No consumo passivo de “coisas felizes”, ele anula-se, desencontra-se com a



própria internalidade e inviabiliza a subjetividade prazerosa. Penso, por isso, que o prazer terá de livrar-se da camisa de força das obrigações que a cultura consumista impõe, sob pena de seu extenuante enfraquecimento. O desesperado esforço pela performance e bons desempenhos, como exigências da atualidade, parece ter aí seu respaldo. A obsessão pelo atletismo sexual integra esse desespero contemporâneo. Há, no homem atual, uma fragilidade que ele tenta recobrir com a cortina de fumaça do desempenho e do consumo.

Nossas representações do prazer deslizaram, historicamente, da liberdade para a obrigação. Mesmo assim, não podemos ser “paranóicos” em relação ao nosso tempo. Toda época tem suas certezas e suas angústias. O curso dos séculos sempre nos brindou com inquietações e com avanços significativos. Às apalpadelas, a humanidade sempre desvenda os mistérios de seu tempo, lida com suas questões, mesmo sem certezas definitivas e tendo que apostar no amanhã. Um dos desafios com que nos defrontamos nesta mudança de século, diz Mafesoli (1996, p. 9), é “deixar de odiar o presente”. ... *É possível que uma nova época nos mostre primeiro o seu abismo e, depois, a sua promessa*. Há um vasto simbolismo, uma banalidade e uma inteligência sob as aparências do que expressa uma época. Embora não seja fácil fazer uma hermenêutica da contemporaneidade, decerto teremos de aprender algo com o nosso tempo, de apreciar a possível beleza da desordem aparente e apostar na sua fecundidade. Estamos diante de uma multiplicidade de valores que se relativizam uns aos outros, completam-se, nuançam-se, combatem-se. Isso requer um estado de espírito que seja menos dogmático do que receptivo.

Fica a esperança de que seja possível cada um descolar, um mínimo que seja, do sistema consumista. Esse distanciamento poderá permitir uma reorganização do próprio consumo. Não nos cabe brigar contra o consumismo, mas talvez ressignificá-lo! Quem sabe, nele podem ser introduzidas emoções estéticas a ser consumidas? Quem sabe, encontraremos uma forma de inserir,

nesse universo, algum prazer da ordem do poético, do mítico, do místico, do artístico, do filosófico, do relacional, consumos que permitam ao espírito maior liberdade e criatividade? Quem sabe, encontraremos, nesse consumo silencioso, uma fonte mais verdadeira de prazer? Quem sabe, aprendamos a permitir que a música, a arte, a natureza, o outro penetrem nossa sensibilidade, atinjam nossa pele, alcancem nossa intimidade – e lá, enfim, descubramos que o prazer ali encontrado pode ser da ordem do “infinito enquanto dura”, mas que, decerto, ele dura na proporção do sentido que possibilita?

Considero, por fim, que não se pode aguardar que o outro promova nosso bem-estar, nosso prazer, nossa felicidade. Cada um é responsável pela construção da felicidade em seu existir. Sendo feliz, podemos, então, partilhar isso com o outro. Na cultura narcisista em que se vive, equivocadamente, queremos que o outro nos faça feliz, que ele esteja a serviço de nosso bem-estar. Mas essa tarefa é intransferível, é de cada um, ninguém pode fazê-la por nós. Fica a esperança de que o fiel da balança, na atual história que construímos, não perca o norte da alteridade, da ética e da estética e possibilite que o prazer maior seja a própria vida como um bem inalienável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, G. *O Erotismo*. Porto Alegre : L & PM, 1987.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro : Graal, 1985. 3v. v.1 : A vontade de saber.
- GERRARD, N. Happiness Ruining our Lives? *Speak Up*. v. 12, p. 151, Dec. 1999.
- GUILLEBAUD, J. C. *A Tirania do Prazer*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999.
- MAFESOLI, M. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis : Vozes, 1996.